

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**
Área Temática: Negociações Internacionais
Período de Análise: janeiro de 2010.

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da Abag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Revista Globo Rural
Revista Isto é Dinheiro

Índice

Amorim pede acordo para encerrar a Rodada de Doha – Sítio eletrônico da CNA – 08/01/2010.....	3
Desemprego vai manter a onda protecionista até 2011, avalia Lamy - Cristiane Perini Lucchesi – Valor Econômico – Brasil - 19/01/2010.....	4
Um vilão para a Rodada Doha – Diego Z. Bonomo – Folha de São Paulo – Tendências e Debates – 28/01/2010	4
OMC: proposta do Brasil é vista com ceticismo – O Globo – Economia – 31/01/2010	6
Em Davos, líderes temem endividamento, desemprego e risco financeiro - Deborah Berlinck – O Globo – Economia – 31/01/2010	6

Amorim pede acordo para encerrar a Rodada de Doha – Sítio eletrônico da CNA – 08/01/2010

O ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, fez ontem um pedido para conquistar um acordo que permita fechar a Rodada de Doha para a liberalização do comércio mundial, porque isso, segundo ele contribuiria para combater a crise.

É preciso concluir a Rodada de Doha, disse Amorim, após lembrar que as negociações na Organização Mundial do Comércio (OMC) estiveram próximas do acordo, e que este é um dos pontos que não se resolveram com sucesso na mobilização internacional frente à crise econômica. O ministro brasileiro participou, em Paris, de uma reunião intitulada Novo mundo, novo capitalismo.

Amorim concordou com a afirmação do presidente francês, Nicolas Sarkozy, que também discursou na conferência, em que a reunião de Copenhague não foi um fracasso total, na medida em que há uma orientação em que todos os envolvidos devem seguir.

No discurso, Sarkozy também pediu uma decisão sobre a reforma do Conselho de Segurança da ONU, e insistiu que não é possível continuar com a situação atual em que a América Latina e a África não têm representação nessa instância de forma permanente.

O ministro destacou que o G20 (grupo que reúne os países ricos e os principais emergentes) foi o instrumento de ação internacional diante da crise financeira, e por enquanto é uma instância necessária de mediação.

No entanto, especificou que não pode ser a nova estrutura de gestão na escala mundial porque não é representativa, como não o era no passado o G8 (os sete países mais industrializados do mundo e a Rússia).

Com relação a essa afirmação, ele reivindicou uma reforma das instituições formais, e se mostrou satisfeito com o início do trabalho para mudar a organização do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional (FMI).

O chefe da diplomacia brasileira disse que a crise mostrou a emergência dos países em desenvolvimento e pôs em evidência que o Brasil deve estar presente na gestão dos assuntos mundiais.

Explicou que seu país resistiu melhor que as grandes potências ocidentais, e atribuiu isso, entre outras coisas, às políticas sociais, que contribuíram para alimentar a demanda interna, e ao feito que o comércio exterior brasileiro é bastante equilibrado.

O ministro brasileiro considerou, por último, que a crise fez emergir o ceticismo frente à capacidade do mercado para oferecer soluções a tudo.

Desemprego vai manter a onda protecionista até 2011, avalia Lamy - Cristiane Perini Lucchesi – Valor Econômico – Brasil - 19/01/2010

A "pulsão protecionista" que se intensificou com a retração no comércio internacional em 2009 e o aumento do desemprego vai se manter neste ano e no próximo, na visão do diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC), Pascal Lamy. Segundo ele, o protecionismo tem forte relação com a situação nos mercados de trabalho, que deverão continuar a piorar em 2010 e 2011. "Sou prudente em relação ao futuro", disse ele durante palestra na Conferência de Risco País realizada pela seguradora francesa Coface, no Pavillon Ledoyen, no centro de Paris.

"Essa tendência protecionista em meio à crise é normal e legítima, mas precisamos continuar a resistir a ela", afirmou. Lamy clamou a todos os países participantes da Rodada Doha de negociação para o livre comércio que se empenhem para concluí-la ainda neste ano, de forma a ajudar a combater as tendências mais protecionistas. "As negociações vão voltar a acontecer no final de março e mais de 80% do trabalho já está feito", afirma. Doha, com foco em subsídios agrícolas, começou em 2001 e estava prevista para acabar em 2006.

Lamy vê um novo "descolamento" dos países emergentes em relação aos países mais ricos no que diz respeito à queda no comércio internacional neste ano. Em 2009, os emergentes já foram melhor: na comparação com 2008, o tombo foi de 10%, no comércio global, com os países em desenvolvimento apresentando tombo de 6% e os países ricos, de 12%. "No pior momento de crise, em meio ao choque, a queda chegou a 30% no valor e 20% no volume", afirmou ele.

Ele destacou a retração no comércio de produtos manufaturados, que registraram retração de vendas de 20% em 2009 na comparação com 2008. "A recuperação do comércio será mais provável nos países emergentes", disse.

O diretor-geral da OMC destacou que a crise financeira atingiu em cheio o crédito ao comércio exterior, ajudando na retração das importações e exportações no mundo todo. Segundo ele, o acordo de Basileia II, que regulamenta a alavancagem dos bancos, também não ajuda, pois o peso do comércio exterior no balanço dos bancos passa a ser o mesmo que dos "produtos tóxicos".

Lamy sugeriu que organismos multilaterais, como o Banco Mundial e o FMI, e que as agências de crédito à exportação dos países ricos tenham uma atuação mais ativa no crédito aos países mais pobres, que mais sofreram com a crise. Seria uma forma, diz ele, de reduzir o clima de rivalidade crescente entre os países em desenvolvimento e os países ricos, que criaram a bolha de endividamento e foram dessa forma os grandes responsáveis pela crise.

Um vilão para a Rodada Doha – Diego Z. Bonomo – Folha de São Paulo – Tendências e Debates – 28/01/2010

NOS ANOS 1950, o escritor norte-americano dr. Seuss publicou o livro infantil "Como o Grinch Roubou o Natal". A obra narra a aventura da curiosa criatura vilã que, por detestar o espírito natalino, planeja frustrar a celebração de uma pequena vila roubando-lhe, na véspera, os presentes. Tal como o Grinch, os EUA converteram-se no principal vilão da Rodada Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC), ao roubar-lhe a

possibilidade de conclusão. Desde o colapso da última tentativa de acordo, em julho de 2008, a negociação multilateral permanece em compasso de espera. A conclusão do processo eleitoral norte-americano e os compromissos dos líderes do G20 em favor de um acordo não foram suficientes para alterar essa situação. De forma diferente do que boa parte da imprensa, da academia e do setor privado dos EUA alardeiam, a paralisação da rodada não está no suposto comportamento obstrucionista de países como Brasil, China e Índia, mas na ausência de liderança norte-americana. Na reunião de julho de 2008, o diretor-geral da OMC, Pascal Lamy, apresentou proposta para concluir a barganha central da negociação: o desmantelamento de parte significativa do aparato protecionista agrícola dos países desenvolvidos em troca de maior abertura do mercado industrial dos países em desenvolvimento. Para alguns negociadores e representantes empresariais de países desenvolvidos, o "pacote Lamy" parecia insuficiente. Alegavam que os compromissos se traduziriam em pouco acesso real a novos mercados. Afirmavam que boa parte da redução de tarifas na área industrial se daria no nível "consolidado" na OMC, sem atingir, portanto, tarifas de fato aplicadas. E que, em matéria agrícola, haveria retrocesso na abertura de mercados em países emergentes da Ásia. De uma perspectiva de longo prazo, o pacote reunia três virtudes. Primeiro, contribuía para a correção do desequilíbrio histórico entre a abertura dos mercados agrícolas e industriais. Segundo, continha compromissos de liberalização mais ambiciosos do que os atingidos em qualquer negociação multilateral anterior. Terceiro, atendia, em geral, às demandas por abertura e proteção das principais potências comerciais. O colapso da reunião deveu-se, em particular, à falta de convergência entre os EUA e a Índia sobre certos mecanismos de acionamento da salvaguarda agrícola para países em desenvolvimento. Desde então, ambos passaram por processos eleitorais com impacto diferenciado sobre a rodada. O novo governo indiano foi rápido em demonstrar interesse em concluí-la ao convocar reunião de ministros de comércio em Nova Déli. Já a administração Obama foi igualmente rápida em baixar a intensidade do tema no país, direcionando seu capital político para a agenda de reformas domésticas. Obama não é protecionista, mas entende que, na conjuntura de crise e desemprego, a agenda comercial pode contaminar o processo legislativo de aprovação da reforma do sistema de saúde e da nova lei de energia e mudança do clima. O Congresso norte-americano, por sua vez, é refém do embate entre duas forças políticas antagônicas: a coalizão exportadora, formada por empresas multinacionais que percebem a conclusão da negociação como oportunidade de abertura de novos mercados, e a aliança protecionista "ad hoc", formada por sindicatos, lobby agrícola, indústrias tradicionais e uma percepção pública difusa, que vê no comércio a causa da destruição de postos de trabalho no país. Como resultado, os EUA não só frearam a conclusão da Rodada Doha como parecem caminhar, ainda que a pequenos passos, para certa hostilidade em relação à OMC. Não é incomum que se ouça, em Washington, defensores de "reformas" da organização, como o abandono do processo decisório por consenso, a redução dos poderes do órgão de solução de controvérsias e a violação do princípio basilar da "nação mais favorecida" por meio da negociação de acordos plurilaterais. Neste ano em que, pela terceira vez, abre-se a janela de oportunidade para que o Congresso norte-americano vote a saída do país da OMC, só resta esperar que, assim como o Grinch entendeu que o fim da celebração era a extinção do próprio espírito que

orientava a vida social ao seu redor, além da sua própria, os EUA percebiam que a não conclusão da Rodada Doha é mais do que uma oportunidade perdida -é uma ameaça ao próprio sistema de regras construído há mais de 60 anos sob sua inspiração.

DIEGO ZANCAN BONOMO, 28, mestre em relações internacionais, é diretor-executivo da Brazil Industries Coalition (BIC), entidade de representação de empresas e associações empresariais brasileiras nos Estados Unidos.

OMC: proposta do Brasil é vista com ceticismo – O Globo – Economia – 31/01/2010

Amorim tenta mobilizar países para acordo, mas ministros são cautelosos DAVOS. Ministros de Comércio reagiram com cautela à proposta do Brasil de mobilizar os chefes de Estado e governo do G-20 para fechar um acordo nas negociações da Rodada de Doha, para abertura do comércio mundial. O chanceler Celso Amorim disse que apresentou a proposta e ninguém disse “não”. Doris Leuthard, presidente da Suíça e ministra da Economia, que coordenou o encontro de ministros, disse que os técnicos terão muito trabalho antes de entregar a decisão aos líderes: — É importante darmos as direções e termos o apoio dos líderes. Hoje (a negociação) está mais técnica do que política.

Para o diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC), Pascal Lamy, a idéia é boa, desde que os líderes não sejam confrontados com decisões como aplicar ou não a “fórmula suíça” de cortar subsídios para tal ou tal produto chinês.

— Mesmo a decisão política tem que ser preparada tecnicamente.

Ainda não estamos lá.

A presidente suíça alertou para o risco de retrocesso: — É frustrante os ministros negociarem há tantos anos. Temos que concluir Doha. (D.B.)

Em Davos, líderes temem endividamento, desemprego e risco financeiro - Deborah Berlinck – O Globo – Economia – 31/01/2010

FMI vê economia frágil e estima que alguns países levarão até sete anos para sair da crise. Para Lawrence Summers, da Casa Branca, há 'recessão humana' nos EUA, e deputado avisa que bancos terão regras

DAVOS. Personalidades-chave do maior encontro global de líderes políticos e empresariais — o Fórum Econômico Mundial — admitiram ontem não ter solução rápida para a confusão que a maior crise financeira global causou: os governos estão endividados, o desemprego está atingindo níveis desproporcionais e os bancos continuam sem freio.

O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Dominique Strauss-Kahn, alertou que o endividamento dos governos caminha para se tornar o maior problema mundial. A economia mundial, segundo ele, está melhor, mas frágil. Strauss-Kahn disse que alguns países vão levar sete anos para consertar o estrago.

Os governos já injetaram cerca de US\$ 5 trilhões em incentivos fiscais para enfrentar a crise. Mas agora a Grécia, que não está conseguindo administrar sua enorme dívida, soou o alarme, e muitos temem que outros países sigam pelo mesmo caminho.

— A sustentabilidade fiscal é um dos maiores, talvez o maior problema no mundo. Vamos ter de lidar com isso por cinco, seis, sete anos, dependendo do país — disse Strauss-Kahn, que pediu cautela para tirar estímulos fiscais: cedo demais, há perigo de recessão.

O conselheiro econômico da Casa Branca, Lawrence Summers, aparentando cansaço, pintou um cenário desanimador sobre o estado atual da economia americana: — Estamos vendo nos EUA uma recuperação estatística uma recessão humana.

Summers disse que a notícia de retomada de crescimento dos EUA (5,7% no quarto trimestre de 2009) é boa. Mas classificou de perturbador o desemprego nos EUA: um a cada cinco americanos entre 28 e 54 anos não trabalha, frisou. Fazendo comparação com os anos 60, quando 95% dos americanos nessa faixa etária tinham emprego, ele concluiu que desemprego se instalou nos EUA de forma estrutural: não é cíclico. O desemprego preocupa também a Europa, onde as taxas subiram a 10%, mesmo com a retomada do crescimento.

Davos também está sendo marcado pelo confronto entre bancos e governos. Strauss-Kahn queixou-se de lentidão e falta de coordenação entre governos na reforma financeira: — Temos de entrar fundo na reforma do setor financeiro, muito mais rápido do que estamos fazendo até agora.

FMI: mundo não aprendeu lição da crise, a coordenação Strauss-Kahn reclamou, em particular, da falta de coordenação, numa clara mensagem ao governo Barack Obama, que acaba de propor ao Congresso americano medidas para regulamentar os bancos.

— Esquecemos de uma das lições-chaves desta crise: coordenação.

Coordenar a reforma financeira é chave, e temo que não estamos indo nessa direção — disse Strauss-Kahn.

Enquanto isso, líderes de Europa e EUA se reuniram por duas horas com banqueiros ontem em Davos — um encontro inicialmente não programado — para avisar que vão apertar o cerco regulador contra bancos e outras instituições financeiras.

Passado o pior da crise, os bancos voltaram com força a Davos, reagindo mal às propostas de maior regulamentação.

O deputado americano Barney Franck, que preside o Comitê de Finanças no Congresso, disse que os bancos sabem que terão mais regulação e que a opinião deles não importa: — Francamente, não vai fazer diferença se eles aceitam ou não.

Eles não estão pilotando isso.

Os emergentes estão reerguendo a economia mundial, sobretudo a China. Mas os chineses foram duramente cobrados por manter sua moeda desvalorizada em relação ao dólar — uma estratégia, segundo os críticos, para baratear suas exportações.

Zhu Min, vice-presidente do Banco Central chinês, disse que, quando os líderes mundiais concordarem com uma estratégia de saída, a China estará pronta para atacar o câmbio e o excesso de liquidez.

Apesar do forte aparato policial em Davos, um grupo conseguiu ontem protestar contra o Fórum. A rede BBC falou em cerca de cem manifestantes, e o “Wall Street Journal”, em 50. Eles levavam bandeiras vermelhas e faixas que diziam “Um mundo melhor é possível” e “Relaxe, faça sexo”. Segundo a BBC, o grupo foi dispersado a jatos d’água

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores
Georges Flexor, Jorge Romano, Leonilde Medeiros, Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf, Lauro Mattei, Ademir A. Cazella e Claudia Job Schmitt

Assistentes de Pesquisa
Karina Kato, Silvia Zimmermann, Catia Grisa e Valdemar João Wesz Junior

Secretária
Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 – r. 214
Fax: 21 2224 8577 – r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

Apoio



actionaid



Ministério do
Desenvolvimento Agrário

